

Cur. Brasil
26 MAR 1997

Um termômetro defeituoso

ESTADO DE SÃO PAULO

Avaliar a economia brasileira com base nos dados do IBGE é um desafio. Os números da indústria continuam sendo encaixados num velho quadro com ponderações de 1985. Isso explica, em parte, por que é tão difícil, às vezes, reconhecer o Brasil do dia-a-dia nas estatísticas oficiais. Mas esses números ainda formam expectativas e convém discuti-los. Segundo o último estudo do IBGE, a economia perdeu impulso no primeiro trimestre e tudo indica mais um ano de crescimento medíocre. Apesar disso, o governo federal tem tomado medidas — moderadas, é preciso reconhecer — para conter o consumo e frear as importações. Excesso de cautela diante de um risco remoto? Antes de falar em desaquecimento dos negócios, convém olhar alguns dados mais de perto.

A indústria automobilística vendeu no mercado interno, de janeiro a abril, 545,4 mil unidades, 19,9% mais que um ano antes. Os primeiros quatro meses de 1996 também haviam sido melhores que os do ano anterior, com vendas 13,4% maiores. Estes números bastam para justificar algum cuidado em relação aos quadros do IBGE.

Estes quadros indicam, no primeiro trimestre, uma economia menos ativa que nos últimos três meses de 1996, descontada a oscilação típica de cada época do ano. Por essa comparação, o Produto Interno Bruto (PIB) diminuiu 0,56% de um período para outro, com redução de 1,18% na produção geral da indústria e 0,82% na agropecuária. Restaria um crescimento, insignificante, de 0,06% nos serviços. A tabela não indica uma recessão, mas um menor dinamismo. De janeiro a março, de toda forma, o PIB ainda foi 4,21% maior que o de um ano antes.

Mas vale a pena, ainda, olhar alguns detalhes da produção industrial. Em março, a indústria de bens duráveis de consumo produziu 13,9% mais que no mesmo mês de 1996. Esse mesmo número corresponde ao crescimento acumulado em 12 meses. Automóveis, aparelhos de som e eletrodomésticos estão nessa categoria. Pelas contas do IBGE, porém, a produção de material de transporte, em março, foi apenas 4,74% maior que a de igual mês do ano passado. O sindicato das montadoras dá uma informação contrastante: em março, a indústria produ-

ziu 1.782,2 mil automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus, 15,57% mais que um ano antes. Mesmo levando em conta diferentes abordagens, e descontando a importação de componentes, são dois retratos que em nada se assemelham. Esta comparação pode ocasionar, não há dúvida, uma longa e complexa discussão técnica. Mas isso não altera um ponto: seja qual for o critério para

estimar o valor da produção do setor, o número de unidades produzidas não se altera.

De toda forma, os números do IBGE indicam, no primeiro trimestre, uma produção industrial 4,64% maior que a de um ano antes e, em 12 meses, um crescimento de 5,1%. No primeiro trimestre, segundo o mesmo quadro, a produção de semiduráveis e não duráveis foi 1,3% menor que a de janeiro-março de 1996, mas isso foi mais que compensado pela fabricação de duráveis e de bens intermediários (5,8% maior, neste caso). A indústria de bens de capital continua em dificuldades, com produção

6% menor em 12 meses e apenas 0,7% maior no trimestre. A melhora se explica principalmente, segundo o IBGE, pelo aumento das vendas de máquinas agrícolas.

Se nada disto indica uma demanda explosiva, também não aponta uma economia em marcha muito lenta — especialmente porque o IBGE, em seus números mais agregados, pode estar subestimando o nível de atividade.

Depois, os dados do comércio exterior também estão longe de indicar uma economia sem dinamismo. De janeiro a abril, as importações de matérias-primas e produtos intermediários foram 23,3% maiores, em valor médio por dia útil, que as de igual período de 1996. A não ser que tenha havido um festival especulativo, tudo isso deve ter ido para a produção. Parte dessa importação deve ter substituído a fabricação nacional, é verdade, mas foi pelo menos incorporada na produção de bens finais. Há sempre algo que escapa quando se tenta completar esse quadro.

**A economia
esfriou, segundo
o IBGE, mas o
mercado de bens
duráveis tem-se
mantido vigoroso**